

INQUIETAÇÕES DE UM BANDO DE MALUCOS NA ERA DA CULTURA

Corria o ano de 1979 nas proximidades da Praça da Matriz quando um bando de malucos constatou que a Prefeitura estava erguendo um prédio ao lado do Palácio do Bispo. Que prédio era aquele soube-se momentos depois: ali seria instalada a biblioteca pública de Montes Claros. Biblioteca? Pública? Daquele tamanho? Sim, uma biblioteca e um auditório para conferências. Auditório? Para conferências?

Foi assim, de questionamento em questionamento, de pergunta em pergunta, que aquele grupo que se denominava Tapuia foi caminhando por entre os casarões da parte baixa da cidade e juntando outras e outras e mais outras pessoas com muitas questões e uma dúvida: por que, em vez de biblioteca, em vez de auditório, a prefeitura não construía ali um teatro? Teatro? E não é que Montes Claros andava necessitada, mesmo, de um teatro? As interrogações se multipli-

caram tanto que acabaram desembocando no gabinete do prefeito Antônio Lafetá Rebello, representante-mor da direita aliada ao regime militar, mas um perfeito ouvinte e, sobretudo, um arguto receptor das reivindicações populares. Artísticas, nem tanto, mas havia muito de povo naquele grupo de doidinhos. E Toninho Rebello deu ouvidos à galera.

Não demorou muito e moças e rapazes, todos vaidosos e acima de tudo ansiosos, se sentavam bem em frente ao prefeito, naquele gabinete do velho prédio da Avenida Coronel Prates, para reivindicar a mudança do projeto, adequando-o a um teatro, ou melhor, a um teatro-auditório. Para surpresa dos maluquinhos, o prefeito adotou a idéia, determinando ao arquiteto José Corrêa Machado um estudo que levasse à modificação solicitada. Felício Ferreira, homem das artes cênicas em Belo Horizonte, foi indicado pelo grupo para acompanhar a mudança. E, como num passe de mágica, as obras foram suspensas e recomeçadas, já no formato que incluía camarins, varas de iluminação, painel



de som, urdimento, aumento da altura do palco, cochias... Um sonho se realizava.

Paralelamente, o grupo Tapuia preparava a montagem do espetáculo *A formiga que queria ser cidade e virou princesa*, uma peça irônica, sarcástica, bem humorada sobre a história de Montes Claros e seus personagens. Entre apostilas, monografias, livros e cartilhas, foram lidas 27 obras sobre esta terra de Figueira, resultando num espetáculo de quase duas horas de duração, que ficou três meses (depois, mais três) em cartaz, na inauguração do Centro Cultural Hermes de Paula. Da montagem participavam três dezenas de atores, inclusive aquele bando de louquinhos...

Interessante é que os ensaios foram realizados com as obras do Centro Cultural em andamento e com a colaboração de atores do filme *Cabaré Mineiro*, que estava sendo rodado em Montes Claros, inclusive Tamara Taxman, Nelson Dantas e Tânia Alves. Formava-se, então, um belo contraste, com atores, atrizes e diretores da peça e do filme em meio a operários, serventes e mestre-de-obra, cenário, figurinos, sacos de cimento e tijolos. Tudo na maior camaradagem e, claro, a mil por hora, que correria era a palavra de ordem naquela época da idéia na cabeça e uma câmera na mão.

Na época, foi muito importante o apoio da



diretora do Centro Cultural, Clarice Maciel, o mesmo acontecendo com o secretário de Cultura, Ildeu Braúna, na montagem 16 anos depois. Mas a sociedade como um todo participou da montagem do espetáculo e de sua difusão, na composição do espectro social e comportamental da cidade que, de Arraial de Formigas, transformou-se em Princesa do Norte. E que nem por isso perdeu a pose, mesmo perdendo a virgindade...

O certo é que no final da década de 70 e no prosseguir dos anos 80, Montes Claros viveu,

certamente, sua mais efervescente e exuberante fase artístico-cultural. Havia 12 grupos de teatro em atividade e a cidade participava de festivais como o Festiminas, realizado anualmente em cidades mineiras. Tinha representação na Fetamig – Federação do Teatro Amador de Minas Gerais e diversas figuras exponenciais na música, nas artes plásticas, no artesanato. É dessa época o slogan *Cidade da arte e da cultura* que hoje se vê em todo canto, inclusive, embora a realidade seja bem diferente.

